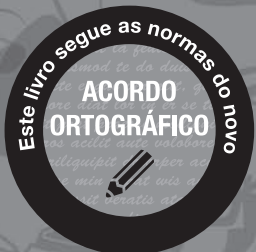


BETO XAVIER

# FUTEBOL



no país da música



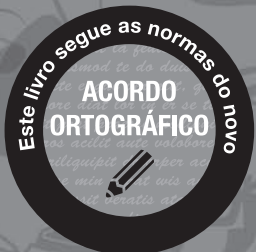


BETO XAVIER

# FUTEBOL



no país da música



Copyright © 2009 Beto Xavier

Diretor editorial **Marcelo Duarte**

Coordenadora editorial **Tatiana Fulas**

Assistente editorial **Karina Danza**

Projeto gráfico e diagramação **iSee Comunicação**

Preparação **Luciana Penna**

Revisão **Telma Baeza G. Dias**  
**Ana Maria Barbosa**

Imagens **Agência O Globo**  
**Agência RBS de Notícias**  
**Arquivo pessoal do autor**  
**Gazeta Press**  
**Getty Images**  
**Opção Brasil Imagens**  
**Stock.xchng**

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

X17f

Xavier, Beto

Futebol no país da música / Beto Xavier. – 1. ed. – São Paulo:  
Panda Books, 2009.

1. Futebol – Brasil. 2. Música popular – Brasil. 3. Futebol na  
música. I. Título.

08-0930.

CDD: 796.334

CDU: 796.332

---

2009

Todos os direitos reservados à Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41 – 05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 2628-1323

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Para meus pais, Clarice e Manoel.

Este livro é um projeto que começou há 15 anos. Nesse tempo de pesquisa e entrevistas, em todos os lugares que vivi e visitei, conheci muita gente disposta a colaborar com meu trabalho.

Os meus sinceros agradecimentos aos amigos e amigas, colegas de profissão, parceiros de bar, músicos, jogadores, donos de sebos e a todos aqueles que me ajudaram a escrever as histórias dessa apaixonante relação entre o futebol e a música.

## SUMÁRIO

<b>Um time que joga junto</b>	<b>9</b>
<b>Futebol e música</b>	<b>11</b>
<b>1. O primeiro casamento</b>	<b>13</b>
<b>2. O futebol é clássico – Arthur Moreira Lima</b>	<b>17</b>
<b>3. 1 x 0 – quando se passou a fazer música de futebol</b>	<b>23</b>
O futebol chora	26
<b>4. Samba e futebol – divino casamento</b>	<b>31</b>
Carnaval e futebol	35
Os clubes e as escolas cariocas	37
<b>5. Wilson, Noel e João – linha atacante de classe</b>	<b>39</b>
<b>6. Ary Barroso – paixão rubro-negra</b>	<b>45</b>
<b>7. Lamartine – o som de todas as torcidas</b>	<b>49</b>
<b>8. Samba, futebol e malandragem</b>	<b>55</b>
Demônios da Garoa, Adoniran, Germano Mathias	59
<b>9. Leônidas – o Diamante musical</b>	<b>63</b>
<b>10. O som do escrete – as músicas da Seleção</b>	<b>69</b>
<b>11. O som do Mengo</b>	<b>81</b>
<b>12. O Vasco, o Flu, o Bota, o Maracanã e outros sambas da bola</b>	<b>91</b>
O Maracanã	99
<b>13. O som do Timão</b>	<b>103</b>
<b>14. Lupicínio – nervos de torcedor</b>	<b>119</b>
“Gre-Nal” musical	122
<b>15. Jackson da bola – o rei do ritmo e o futebol</b>	<b>129</b>
Pernambuco é bola no pé e na música	135
<b>16. 1958 – bossa nova e futebol: o redescobrimento do Brasil</b>	<b>137</b>
<i>Avai, meu Avai</i> – a bossa de Luiz Henrique Rosa	144
<b>17. Balada número 7: Garrincha</b>	<b>147</b>
Elza e Mané: futebol e música na extremidade	155

<b>18. Anos 1970 – a música e a bola em rumos diferentes</b>	<b>161</b>
A música de futebol nos anos 1970	165
Belchior e Barbosa	165
Tom Zé – o gênio de Ipiranga dá tratos à bola	166
Gonzaguinha – explosão na área	171
Bosco & Blanc	172
Fernando Brant & Milton Nascimento	174
O futebol e o novo samba mineiro	181
A “música total” dos Novos Baianos	184
Ben Jor – defesa, meio-campo e ataque	186
<i>Fio Maravilha</i> – a história de um clássico	186
Gil e Caetano – Esporte Clube Bahia	190
Prezado amigo Afonsinho	195
Hermeto e Naná – a música das nuvens e do chão flerta com o futebol	196
Carlinhos Vergueiro – <i>Camisa molhada</i>	198
<hr/>	
<b>19. Chico Buarque – o craque</b>	<b>201</b>
Aqui na terra tão jogando futebol: a máquina tricolor e a fase mais criativa de Chico Buarque	209
O Politeama	221
<hr/>	
<b>20. Dos gramados para os estúdios – os jogadores-cantores</b>	<b>225</b>
<hr/>	
<b>21. O futebol é pop</b>	<b>237</b>
Ritmo e poesia na batida do futebol	258
Skank – música pop e futebol em dose máxima	262
Futebol no mangue – Mundo Livre S/A	266
<hr/>	
<b>Referências bibliográficas</b>	<b>272</b>
<hr/>	



## UM TIME QUE JOGA JUNTO

Faz pouco mais de um século que o futebol se popularizou e, assim, se aproximou do que já estava havia muito tempo no domínio gostoso do povo – a música popular brasileira de origens africana e açoriana, e que logo passou a ter influências europeias. Mesmo provinda, em alguns casos, de ritmos não tão populares como a polca, a música sempre foi popular. Mas a música da elite era outra, de outro ritmo – a erudita.

Mas que estou eu a falar do que não entendo se não por gosto e admiração?! É que este livro de Beto Xavier, que faz detida e definitiva pesquisa sobre futebol no país da música, é um esforço em prol de identificar na cultura popular brasileira os seus verdadeiros traços de permanência e valor.

A música antecede em tudo o futebol, que foi uma invenção dos colégios ingleses para melhor preencher os grandes intervalos com a prática de uma formidável pelada: todos contra todos, cada um pela mínima glória de ao menos chutar ou entrever-se com o que chamavam de bola – na verdade, um objeto pequeno, arredondado, e que na sua crescente tecnologia ganhou uma cobertura de couro fechada até chegar a uma câmara de borracha cheia de ar e fechada por ventíl.

Charles Miller, bem citado pelo autor na sua importância histórica, retornando da Inglaterra, trouxe duas bolas de futebol e passou a jogar o esporte em campos de críquete. Logo seus amigos de classe média aderiram à prática. Os que jogaram o primeiro futebol eram filhinhos-de-papai, mas logo o futebol se popularizou. A bola, os chutes, a correria e a alegria de jogar junto seduziram os meninos pobres e descalços das ruas adjacentes aos campos. Deu-se então a grande inversão: o público passou a ser formado por homens e mulheres bem vestidos, enquanto os jogadores eram de camadas pobres da população. Estes tinham mais tempo para jogar e uma inata vocação.

O futebol tornou-se uma obra coletiva de encanto, arte e inigualável entretenimento. Chegou onde a música já estava com chorinhos, lundus, canções e sambas, e um se tornou dependente do outro em muitos sentidos. A investigação de Beto Xavier destaca esses gradativos encontros e demarca um crescimento e uma importância que já bem se pode afirmar que um é também o outro.

Fazia falta um registro sério e comprometido como esse de *Futebol no país da música* até para reabilitar mais uma dimensão cultural desse nobre esporte, aparentemente desprovido de grandeza e significado segundo a miopia elitista de muitos intelectuais ainda aborrecidos com o que não seja uma reflexão por escrito.

Seja bem-vindo Beto Xavier a esse time que joga junto e já não tem mais lugar na estante para as suas façanhas!

Ruy Carlos Ostermann



## FUTEBOL E MÚSICA

*O futebol é um jogo cantado,  
vigorosamente cantado,  
do início ao fim.*

SALMAN RUSHDIE



**FUTEBOL E MÚSICA CAMINHAM JUNTOS** há muitas décadas e o brasileiro vive intensamente, como nenhum outro, essas duas paixões, artes populares que se complementam.

Diferente da literatura, que só no final do século XX passou a dedicar mais atenção ao esporte mais popular do país, a música e seus compositores sempre beberam e se abasteceram prazerosamente na fonte futebolística.

Desde o começo do século XX e ao longo de todas as décadas posteriores, um dos maiores filões da música foi justamente a inspiração nos fatos e nos casos do futebol, e não faltaram canções que evidenciassem esse vínculo. São centenas de composições, cantadas e/ou tocadas, que fazem referência ao esporte nascido na Inglaterra, mas que ganhou importância vital na formação de uma identidade brasileira.

Futebol e música são duas artes em irmandade e sempre se aproximaram por vários motivos: pelo público que os consumia, pelas raízes sociais comuns e pelo fato de serem também como os dois mais poderosos canais de ascensão em uma sociedade marcada pela carência de oportunidades aos menos abastados.

Se entrarmos no campo da história e da sociologia, o estreitamento entre as notas e os dribles dá origem a uma série de compromissos, teses e comparações, porque além de ambos estarem no centro da nossa cultura, futebol e música passaram a representar – isto é notório e justo – o que sabemos fazer de melhor.

Embora desde o início do século XX o futebol tenha começado a despertar o interesse dos músicos, foi a partir da década de 1930 que o esporte passou a ser cantado de várias formas e com justificados motivos: a sua definitiva popularização; a participação brasileira na primeira Copa do Mundo, no Uruguai; e o começo de uma grande revolução nos meios de comunicação, com o início daquela que foi chamada “a era do rádio”.

Coube a este veículo transformar músicos e atletas em pequenos heróis domésticos, principalmente os que apresentavam sua arte na capital brasileira da época, o Rio de Janeiro. O rádio também entrava de forma vital na história brasileira e se transformava num grande agregador nacional,

e como o futebol – não o diletante, mas o oficializado – deixava de ser elitista e penetrava no universo da cultura popular. Não demorou para que a programação de nossas primeiras e principais emissoras tivesse nas narrações esportivas e nos programas musicais os grandes trunfos de audiência e faturamento comercial.

Música e futebol ingressavam de forma definitiva no imaginário popular, na primeira grande prova de que a formação mestiça de nosso povo poderia dar origem a uma figuração única e permanentemente criativa no aspecto urbano. A trote vigoroso, no avanço das décadas, tanto o futebol quanto a música se tornaram fundamentais e posteriormente se transformariam em chave para decifrar grande parte da maneira de viver do país.

Jair de Souza, um dos autores do livro *Futebol e arte: a cultura e o jeito brasileiro de jogar*, sintetiza categoricamente o assunto: “a comunhão entre a música e a bola é a senha para entender o país”.

Mas, afinal, este é mesmo o país do futebol? Ou será o país da música?

Se a cada dia brotam nos nossos campos de futebol novos craques, o mesmo se pode dizer de precoces músicos que, desde pequenos, já dominam a arte do manejo de algum instrumento.

Times de várzea não são como bandinhas de música da periferia? E se existem grandes craques da bola que nunca conseguiram ultrapassar a barreira do município, vangloriam-se apenas pelo diletantismo, também há milhares de músicos anônimos que desfilam talento pelos bares e praças de todas as cidades do país. Se meias rasgadas ou frutas verdes se transformam em bolas para os pés, pedaços de lata e caixas de fósforos se tornam instrumentos para as mãos.

Ao continuar nosso passeio pelas comparações, podemos dizer que todos os anos exportamos centenas de craques para os gramados da Europa e Ásia, mas já pensou na quantidade de músicos brasileiros espalhados por cidades de países com grande tradição musical como Alemanha, Áustria e Estados Unidos? Mandamos jogadores para a Arábia e o Japão, mas músicos brasileiros já tocaram para xeiques e imperadores.

Amarildo, Falcão, Didi, Pelé, Ronaldo foram para fora e se tornaram ídolos. Em compensação, Tom Jobim, Naná Vasconcelos, João Gilberto, Ayrton Moreira, Flora Purim e muitos outros são verbetes nas mais completas enciclopédias do jazz mundial.

E há aqueles que não trocaram o Brasil por nada, como Haroldo Barbosa que disse não aos Estúdios Disney como conta nos versos: “Adeus América / Esta terra é muito boa mas não posso ficar / O samba mandou me chamar”. Ou ainda Ary Barroso, que depois de passar alguns meses em Nova York e Hollywood, graças ao sucesso de *Aquarela do Brasil*, resolveu voltar ao país porque “lá não havia o Flamengo”.

O que falar ou pensar ao constatarmos que estados sem nenhuma tradição futebolística como Paraíba e Maranhão, por exemplo, que contam com times de pouca expressão nacional como Treze, Campinense e Moto Clube, foram geradores de talentos musicais como Jackson do Pandeiro, Zé Ramalho, Alcione e Zeca Baleiro?

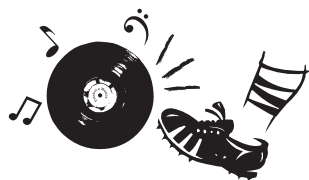
Uma coisa é certa: no Brasil a música brota em todas as partes, como o futebol. Basta ter uma caixa de fósforos ou uma bola de meia, que dá samba ou dá jogo.

# 1.0 PRIMEIRO

CASAMENTO







**O CASAMENTO ENTRE O FUTEBOL E A MÚSICA** começou mais cedo do que se imagina. Pode-se dizer que o esporte já chegou ao Brasil casado com a música, e este matrimônio atravessa mais de um século de plena convivência. E tudo começou com a emblemática união de Charles Williams Miller e Antonieta Telles Rudge.

Sim, o responsável oficial pela introdução do futebol no país tinha como companheira uma pianista que, como o marido, também foi pioneira em sua arte. Paulista do Brás, filho de uma brasileira com um escocês, ao desembarcar por aqui, no dia 6 de junho de 1894, depois de terminar os estudos na Europa e ao trazer na bagagem duas bolas oficiais de futebol, Charles Miller simplesmente mudou a história do país.

Depois de levar a novidade para o seu clube de críquete, o São Paulo Athletic, ele certamente jamais imaginou que estas duas bolas pudessem transformar o futebol no centro da nossa cultura, é claro, ao lado da música, que já se ouvia por aqui nos teatros, terreiros e aldeias.

A vida de Antonieta também teve ares pioneiros. Nascida em 13 de junho de 1885, sua família era uma das mais tradicionais da capital paulista. A mãe, dona Emília, era pianista amadora e teve 17 filhos. O talento de Antonieta foi descoberto logo aos quatro anos de idade, quando, numa festa familiar, interpretou ao piano uma composição de sua autoria. Com sete anos já dava seu primeiro recital, no salão da Casa Levy, em São Paulo, com enorme repercussão da crítica.

Antonieta se casou com Charles Miller em 1906, quando tinha apenas vinte anos. Foi um casamento arranjado pelas famílias dos dois, que eram primos de terceiro grau. E, ao contrário do que se pode imaginar, ela recebeu grande apoio do marido para prosseguir na carreira musical. Graças a Miller, Antonieta fez algumas temporadas de sucesso na Europa. No mesmo ano de seu casamento, a pianista se apresentou por duas vezes em palcos da Inglaterra. Numa dessas apresentações, na plateia estava uma presença ilustre: nada menos do que a rainha Vitória.

Antonieta Rudge pode ser considerada a pioneira da tradição feminina pianística do Brasil. Foi também uma das maiores intérpretes de Chopin e Beethoven, assim como a fundadora do primeiro trio feminino brasileiro, em junho de 1915.

O casamento dela com Charles representa, sem dúvida, o início emblemático da relação entre o futebol e a música no país. Na vida real, entretanto, longe deste inevitável simbolismo, o enlace entre o atleta e a pianista-prodígio não terminou em vitória ou em gritos de “gol” ou de “bravo!” Em 1922, num concerto em Araraquara, no interior paulista, Antonieta Rudge conheceu o poeta Menotti Del Pichia, que iria se tornar o grande amor de sua vida.

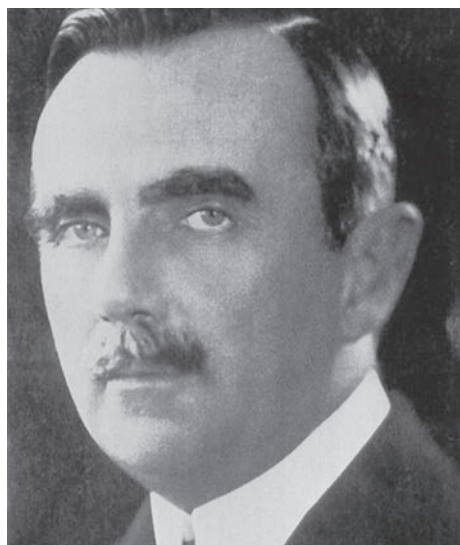
Três anos depois, Antonieta se separava de Charles Miller. Ela disse ao então marido que não tinha mais condições de continuarem juntos, pois tinha conhecido outra pessoa e não queria criar nenhum problema para alguém tão conhecido do público e da sociedade paulistana como era Charles Miller. A separação caiu como uma bomba na cabeça de Miller. Antonieta também teve sérios problemas com sua carreira musical. Só voltaria a se apresentar publicamente a partir de 1930. Do matrimônio nasceram dois filhos: Charles Miller Júnior, o Carlito, e Helena, que acompanharam a mãe praticamente durante toda a vida.

Charles Miller faleceu em São Paulo, aos 79 anos, no dia 30 de junho de 1953. Exatamente cinco anos antes da primeira grande conquista do futebol brasileiro: a Copa do Mundo da Suécia.

Antonieta Rudge atuou, a partir da metade da década de 1930, como diretora e professora do Conservatório Musical de Santos. Entre seus alunos estava Gilberto Mendes, que se tornaria nome referencial da vanguarda musical brasileira e um dos fundadores, na década de 1960, do manifesto “Música Nova”, posteriormente transformado em festival.

Em 1969, Gilberto escreveu a obra *Santos Football Music*, considerada sua mais inventiva criação. A peça mistura som concreto, locuções esportivas, sons de orquestra, com os músicos simulando um jogo de futebol.

Antonieta Rudge morreu também em São Paulo, aos 89 anos, no dia 13 de julho de 1974. A maior parte de suas gravações está em discos de acetato dos anos 1940 e 1950, além de registros caseiros. Em 2000, algumas gravações de Antonieta foram resgatadas como parte da coleção de sessenta CDs de grandes pianistas brasileiros, patrocinados pela Master Class.



| Charles Miller



| Antonieta Rudge



# 2. O FUTEBOL

É CLÁSSICO –  
ARTHUR MOREIRA LIMA



*Trate de seus pés da mesma  
forma que um pianista  
profissional cuida das mãos.*

PELÉ, em *Jogando com Pelé*



**ELE QUERIA MESMO ERA SER LOCUTOR ESPORTIVO**, mas se tornou um dos maiores músicos brasileiros. Arthur Moreira Lima é um anarquista do piano, um apaixonado pela vida, pelo jeito de ser brasileiro e do brasileiro ser. E é também um fanático pelo Fluminense, fanático como poucos podem ser. Isso é mais raro ainda, vindo de quem desde criança se ocupou de temas eruditos.

Mas Arthur soube como incluir os ensinamentos clássicos que teve, e que aprendeu em várias partes do mundo, no universo da cultura popular. Em seu mundo convivem Bach, Beethoven, Ernesto Nazareth, Cartola, Telé Santana e Rivelino.

Numa breve conversa, que não leva mais do que meia hora, seu celular toca três vezes. O toque é o hino tricolor, composição magistral de Lamartine Babo e Hélio Pelicari. A paixão pelo Flu de tantas glórias e tantos torcedores ilustres ilumina a memória de nosso músico. E o pianista prova que o futebol já nasceu clássico, numa surpreendente comparação entre os tempos de uma sinfonia e os dois tempos de uma partida.

“ Você começa o seu livro falando do casamento do Charles Miller com a Antonieta Rudge e você vê esta atração, esta fatalidade do encontro de duas coisas importadas que não pertencem à nossa cultura: a música clássica e o futebol. Aliás, a nossa cultura é uma coisa importada da Europa, porque o autóctone mesmo no Brasil é muito difuso, senão a gente chegaria só na cultura indígena.

O Brasil realmente se formou com influência africana e portuguesa, e depois com outros países da Europa com a imigração italiana e alemã e outros *et ceteras* a que temos direito. Mas, no caso do futebol, já dizia o nosso Nelson Rodrigues, é pura paixão. E música também é paixão. Este já é um ponto em comum.

No meu caso, sou músico clássico, mas antes de ser um músico clássico, eu me recuso a ser colonizado, sou brasileiro. Me recuso a perder a nacionalidade brasileira. Me recuso a perder a brasilidade! Me recuso a perder a irreverência, todo o jeito de levar a vida de certa maneira com humor. Humor e irreverência. Esta dupla faz muito a minha personalidade. Embora eu tenha também uma faceta melancólica.

Mas o futebol entrou na minha vida como entra na vida de todo menino brasileiro. Eu jogava futebol na rua, jogava com meus primos, meus amigos, no colégio. Nunca fui um bom jogador, mas sempre acompanhei o Fluminense desde pequeno, desde os seis anos, até por ligações da minha família com o clube, e sempre fiquei entusiasmado com o time. Desde Ademir Menezes, Didi – que foi meu grande ídolo –, Castilho, Telê, Pinheiro, em suma, todos aqueles que povoaram o imaginário da minha infância.

Uma vez, conversando com meu grande amigo João Saldanha, falamos que o futebol é o jogo da vida. Há toda uma filosofia no futebol, no conjunto que é necessário para se marcar o gol, na vida que a gente passa driblando e de muitas pessoas que às vezes se dão mal porque não passam a bola para os outros na vida, ou às vezes passam e não recebem de volta.

Quanto à música, é parecido. Não digo que a música tenha tática, mas mesmo a música clássica, a barroca, a música clássica propriamente dita, antes da música romântica, ela tem muito a ver com a emoção. Toda música tem que ver com a emoção, e o futebol tem a ver com a emoção.

Eu até acho que, do ponto de vista do tempo, tem a ver. Por exemplo: uma sinfonia, uma grande obra clássica tem a duração aproximada de 45 minutos, que é a duração de um tempo no futebol. Eu também penso que 45 minutos tem alguma coisa a ver com a mente humana. Percebe bem: 45 minutos é o tempo que você gasta no dentista, é uma aula de faculdade. Acho que depois de 45 minutos fica difícil para o ser humano manter a concentração e os nervos estendidos, não distendidos – nervos à flor da pele.

Se você perceber, 45 minutos é um tempo ideal, inclusive para uma parte de um concerto. Na Europa é mais ou menos assim: quarenta, quarenta e poucos minutos cada parte, com intervalo. Se você dá um seguido, aí chega a uma hora, mas aí tem de interromper falando. De alguma forma você tem que dar descanso para o ouvinte. Você não pode dar uma injeção letal de mais de 45 minutos de música, tanto que você vê que a prorrogação está sendo extinta do futebol. Isso sem falar naquela estupidez do ‘gol de ouro’, uma coisa cretina. Agora voltaram atrás, mas a prorrogação já vira um pouco arena romana, o futebol perde um pouco a poesia para virar aquele tal negócio que está acontecendo, como infelizmente está acontecendo com a música também, e isto eu denuncio.

Antigamente todo mundo tocava diferente, cada pianista tinha o seu estilo e todos eram igualmente bons. Hoje em dia o pessoal tá mais interessado na performance do que na música. E no futebol o preparo físico anda atropelando o futebol-arte. Você pode ter os maiores craques, que correm o perigo de não ganhar nada, nem o par ou ímpar inicial. Hoje o que interessa é o resultado; não que tenha de jogar pra perder, mas eu acho que matar a jogada e outras coisas não faziam parte do futebol da minha infância. O futebol tá muito pobre, tanto que você vê o Campeonato Brasileiro, todo mundo falando na maravilha de ver todos os times juntos, embotados; isto é uma pobreza, pois há times que são muito melhores que os outros. Este equilíbrio se dá apenas por um nivelamento por baixo, que é baseado no preparo físico, nas arbitragens duvidosas, no mando de campo – que tem uma influência terrível – e, sobretudo, na falta de uma punição exemplar para a violência.

Mas para finalizar, a música tem em comum com o futebol primeiramente esta coisa lúdica, este romantismo. É o esforço que a gente tinha quando, sem grana, precisava levar a bateria de ônibus, de não ter como transportar os instrumentos. Às vezes pegávamos a perua de um tio emprestada, da mesma maneira quando você tinha aquele time de futebol em que cada um lavava suas camisas e todo mundo se encontrava para